

RASTROS



Ary Coelho
Graduando em Artes Plásticas
TRANSE/UnB

Luisa Günther
Doutoranda PPGSOL/UnB
IdA/TRANSE/UnB

Resumo: A intenção é promover um encontro entre a dança contemporânea e a pintura. Nesta busca e pesquisa, duas linguagens aparentemente díspares levantam dúvidas e questões, entrando numa atmosfera de performance e reflexão. Com movimentos esquematizados, o registro de suas dúvidas e reflexões são constituídas no espaço, a partir de movimentos em constante transformação: são ações cotidianas do corpo transfiguradas para a linguagem poética da dança e da pintura simultaneamente dando um ritmo coreográfico composto com liberdade de improvisação, mesmo tendo uma estrutura pré-elaborada. O processo criativo é visibilizado ao público presente na dança em seus movimentos e na pintura como ocupação do espaço. Os movimentos de ambos performers se transmutam em campos de sensibilidade na qual os movimentos articulados se misturam no desafio no desejo da criação, para ter sentido, fazer sentido.

Palavras-Chave: Dança Contemporânea; Pintura; Performance

Resumo: Rastros podem ser compreendidos enquanto marcas ou registros. São possibilidades de permanência de algo que já não está mais aonde deveria. As coisas, as pessoas e suas ações, se estendem, se confundem, se emancipam de si mesmas e seguem seu próprio rumo. Seguem adiante ao mesmo tempo em que deixam em torno de si algumas evidências de que estiveram por ali. Afinal, para onde vão os movimentos de uma ação que se transforma em outra? As coreografias são rastros de movimentos que deixaram de ser para se tornarem outros movimentos? Movimentos são marcações para o corpo? Será que o corpo carrega consigo as marcas dos lugares por onde esteve ou dos espaços que já ocupou? A escolha do movimento pode ser a busca de um limite entre a ação e a mesmice, entre uma linguagem e outra. De qualquer forma, movimentos marcam, demarcam e ocupam espaços. Neste contexto o corpo é apenas um desses espaços que marca e é marcado. O corpo, aos poucos, deixa rastros. Deixa extensões de si mesmo em outras materialidades: em suor, em gestos, em respiração.

Palavras-Chave: Corpo; Linguagem; Performance.

Nas linhas que aqui se seguem o interesse é o desenvolvimento de uma reflexão sobre a possibilidade (ou não) de relacionar experiência, consciência e discurso. A princípio claro que é possível. No entanto, também é possível que ao relacionar experiência, consciência e discurso transpareçam disparidades, ambigüidades e incongruências. Uma pergunta que nos provoca a estas reflexões condiz com a dúvida sobre a comunicabilidade de conteúdos a despeito de diferenças entre linguagens artísticas. Outras perguntas seguem sobre a qualidade de um discurso verbal sobre gestos, sensações e impressões. Afinal, como comunicar uma performance? Como expressar com palavras os mesmos significados apresentados em outra linguagem? Ainda mais quando o objetivo seria o de comunicar os conteúdos subjetivos de duas pessoas que se envolvem em ações ora coincidentes, ora complementares em um mesmo espaço proposto com diferentes linguagens? Como promover um fluxo entre sistemas de percepção, pensamento e ação de modo a deixar evidente o lugar de fala de cada uma das subjetividades?

Rastros é uma performance cuja intenção é promover um encontro epistemológico entre as linguagens da dança contemporânea e da pintura com interesse de sustentar um diálogo entre as respectivas semelhanças desiguais de cada uma destas formas artísticas. Nesta busca e pesquisa a partir de movimentos previamente esquematizados o espaço desta performance proposta questiona ambientações convencionais de espetáculos. Apresentado ao longo do ano de 2009 em teatros e galerias em Brasília, esta performance institui uma interrogação implícita sobre *que corpo é este?* que ao entrar nestes espaços deixa de ser natural e passa a ser instituído. Isto porque se por um lado qualquer indivíduo pode ser considerado como instituição social em si mesmo, por outro lado, quando indivíduos escolhem comunicar alguma coisa, escolhem também

dizer alguma coisa, [que] é dizer verdadeiramente, é dizer o que é *tal* como é. Que significa aqui *tal*, senão uma equivalência? Como é possível uma equivalência entre uma seqüência de palavras e um grupo de fatos, coisas, etc. – senão como instituição? (Castoriadis, 2000, p. 295).

O desdobramento do roteiro de *Rastros* reflete a experiência acumulada por cada um dos performers em seu conhecimento específico no campo da pintura e da dança contemporânea. Os movimentos de dança contemporânea estão coreografados, mas ao serem apresentados em intensidades diferentes estão abertos a todas as possibilidades de movimento. Dentro de uma estrutura organizada previamente com uma coreografia que tematiza o ato de pintar o espaço vazio com movimentos corporais ao invés de pincéis, a própria coreografia está sujeita a improvisações, a uma troca constante entre os movimentos e as intensidades.



Já no momento da pintura o questionamento circunscreve a ação de colorir as coisas. Se é instituído que a tela é um espaço em que a prática da pintura acontece, a tela também é um registro dos movimentos que levam à pintura existir enquanto acontecimento. Por outro lado, quais seriam as ações similares ao pintar a tela? Pintar as unhas? Pintar o cabelo? Tatuagem? Maquiagem? Ao compor movimentos referentes a estas ações estéticas cotidianas de embelezamento do corpo as gestualidades em movimento ficam expostas e se transmutam em dança. As ações performadas tem por intenção repensar a consciência e seus mandamentos, a vontade e suas conseqüências. Estas ações retomam o corpo enquanto espaço para multiplicidades de significado conferidas tanto por quem atua, quanto por quem interpreta pois, ambos momentos conferem um pensamento próprio sobre o reconhecimento e também, sobre o corpo enquanto espaço para a identidade. Em meio a questões específicas de linguagem o corpo transparece como alteridade de um “conceito como representação de um corpo extraconceitual, mas o corpo como perspectiva interna do conceito: o corpo como implicado no conceito de perspectiva” (Viveiros de Castro, 2002, p. 140).



A multiplicidade do discurso sobre si mesmo em um perspectiva de nomeação da própria biografia aparece enquanto estratégia em categorias de dança contemporânea. Um exemplo está no trabalho do intérprete-criador Gerhard Bohner na coreografia *In goldenen Schnitt II* (1989), na qual desenvolve um trabalho com figuras geométricas e com estruturas de simetria. Ao entrar em cena com uma escultura de metal, Bohner propõe uma alteridade em que questiona as diferenças e semelhanças entre o humano e um símbolo da sociedade industrial destituída de emoções. Ao longo do processo pinta suas mãos de preto, talvez como referência ao trabalho que elas podem executar e examina a sua essência transmutada. Já com relação ao uso de objetos em cena de modo a compor com estes ninchos inanimados coreografias, *Rastros* segue a tradição de Pina Bausch em *Café Müller* (1978), William Forsythe em *Artifact* (1984), Susanne Linke em *In Bade wannen* (1980) e Urs Dietrich em *Da war plötzlich* (1995).

Se no início o espaço vazio cênico encontra respaldo por entre a tela branca da pintura, essa manipulação da tela e dos pincéis acontecem ao mesmo tempo que o corpo do bailarino se estende ao chão para sentir movimentos mínimos. Ao compor alguns gestos os traços do pincel dão ritmo ao movimento do corpo que dança. Os movimentos vão se organizando, os corpos se colocam no espaço proposto com o registro de suas dúvidas e reflexões, constituindo movimentos em constante transformação: as ações cotidianas do corpo são transfiguradas para a linguagem poética da dança e

da pintura simultaneamente dando um ritmo coreográfico composto com liberdade de improvisação, mesmo tendo uma estrutura pré-elaborada. De um lado, o corpo do bailarino se movimenta em uma pintura no espaço invisível. Simultaneamente, o pincel busca no espaço as partes do espaço em que pode atuar como se desse uma unidade ao processo. *Rastros* é um trabalho que não tem o intuito de contar uma história/narrativa, ao mesmo tempo em que transcorre em um registro de si mesmo já que a tela permanece enquanto espaço de ocorrência. Por entre gestos e intenções muitas coisas são ditas nesta trajetória sem o uso da palavra falada pois, o encontro dos movimentos se coloca por entre olhares e espaços de aparente suspensão, de silêncio. Ambos se transmutam em campos de sensibilidade na qual articulam o desafio do encontro entre linguagens em que qualquer palavra ou ato de interpretação pode instituir uma outra representação que transborda o momento. Outro grande desafio está no fato de “não há objeto que não comprometa um ponto de vista” (Bourdieu, 1984, p. 17), isto porque a realidade da experiência subjetiva ao mesmo tempo única e cúmplice à alteridade do outro que se apresenta em co-presença é transposto em práticas de sentido do corpo. Assim, é possível a produção de uma mútua explicação que promove discursos alternados.

Referências Bibliográficas

Bourdieu, Pierre. *Homo Academicus*. Paris: Minuit, 1984.

Castoriadis, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

Viveiros de Castro, Eduardo. *O nativo relativo*. In: *Mana: Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 2002.